

A REALIDADE VIRTUAL VS A VIRTUALIDADE DO REAL: NOVAS TECNOLOGIAS E DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

José Moutinho

Doutoramento em Psicologia do Desenvolvimento e Intervenção
Universidade da Extremadura

RESUMO

As Novas Tecnologias, principalmente as de Informação e Comunicação, são a realidade com que lidamos todos os dias, uma realidade virtual, desde a comunicação via telemóvel à navegação na Internet. Com ela interagimos, nos relacionamos e somos inter e intra-dependentes. Por outro lado, existe o mundo real, a natureza, o meio ambiente, as pessoas, as suas relações, interações e interdependências, na procura da homeostase. Importa, então, analisar e perceber de que forma os comportamentos sociais permitem o desenvolvimento sócio-emocional, e mais concretamente, salientar a importância primordial da relação/interacção, com as pessoas – “o OUTRO”, com a realidade natural e contexto envolvente “MEIO”, na construção da identidade pessoal, do desenvolvimento emocional do indivíduo – “EU”, face ao quotidiano virtual em que se encontra mergulhado hoje.

Palavras-Chave: Novas tecnologias-Desenvolvimento Emocional-Realidade-Virtual-Interacção “EU-OUTRO-MEIO”

ABSTRACT

New Technologies, more specifically the Information and Communication ones, are the reality that we deal with on a daily basis, a virtual reality ranging from mobile phone's communications to Internet surfing. We interact and relate-to it and to we are inter and intra dependent. On the other hand, there is the real world, nature, the envi-

ronment, people, their relations, interactions and interdependencies, on their search for homeostasis. It is thus important to analyse and understand how social behaviour allows for and determines socio-emotional development, particularly to point out the crucial importance of the relation/interaction between “SELF-OTHERS-ENVIRONMENT, on the self identification, on the emotional development of the individual, while facing the virtual world where he is submerged today.

Keywords: New Technologies -Emotional development -Reality -Virtual - Interaction “SELF-OTHERS-ENVIRONMENT”

INTRODUÇÃO

As Novas Tecnologias em geral e particularmente as da Informação e Comunicação (NTIC)¹, referência do mundo pós-moderno, obrigam-nos a conviver, e a tentar perceber, um dos paradoxos mais perturbantes da História da Humanidade: o longe torna-se perto, o desconhecido acessível, o mundo uma pequena aldeia, uma sociedade aberta. Apesar disso, a relação com os outros é agora substituída pela máquina, o afecto pelo *know-how*, o vínculo pela dependência, o toque pelo teclado, o real pelo virtual, uma sociedade fechada.

As estatísticas oferecem-nos um retrato de uma verdadeira era digital, artificial, virtual, correspondente a uma sociedade, dita desenvolvida, a Sociedade da Informação. Os números falam por si!

Por exemplo, as estatísticas nacionais indicam que o uso de telemóveis e computadores pela população em geral tem vindo a aumentar consideravelmente².

Neste âmbito, 49% da população portuguesa possui computador e 43% usou a Internet em 2004, em comparação com 44,7% na UE a 25 e com 68% na América do Norte. Sabendo nós que a Estatística “vale o que vale”, obriga-nos a um olhar mais atento e crítico para o fenómeno das NTIC na sociedade actual.

Alguns filósofos, cientistas e técnicos, das mais diferentes áreas do saber, têm vindo a efectuar diversos estudos, abordando esta temática – Tecnologia vs Homem, Natureza, a relação entre estes, o seu impacto e consequências (Capra F. 1982, Barglow R. 1994, Brockman J. 1995, entre outros). Na última década, e nos mais diferentes domínios, económico, social, familiar, educativo, etc., constatamos igualmente uma grande preocupação com os efeitos das NTIC na actividade humana, dando origem a trabalhos de reflexão e análise, traduzidos numa já extensa bibliografia.

Estudos (alguns dos quais são examinados de seguida - Maria J. Ferreira 2005, Oliver Massutti 2001, etc.), apontam num mesmo sentido, ou seja, as NTIC obrigam-nos a incluir no rol de acções a levar a cabo, o prefixo **RE** (do Latim *prae*fixu, afixo que precede uma palavra, modificando o sentido desta e formando uma palavra nova), como em: **Repensar..., Reconceptualizar..., Reespecificar..., Reformular..., Redefinir...**; transformando a actual situação, e preocupação, em oportunidade.

Particular atenção vem sendo dada às mudanças na sociedade provocadas pelas NTIC. A sociedade está a mudar ao ritmo daquelas, e este é alucinante! Temos hoje *Comunidades Virtuais*, pelo que é de prever que conceitos como os de Estado, Nação, Nacionalidade, etc., tal como os concebemos, poderão não vir a ter qualquer significado amanhã. Continuaremos a falar de sociedade, seguramente que sim, mas com outros contornos e outra definição. E então o Indivíduo, parte integrante dessa sociedade? Como se relaciona e interage com estas NTIC? Como negocia ele a implementação das NTIC no seu dia-a-dia? Qual o impacto destas na formação da sua própria identidade, mais especificamente, qual o impacto no desenvolvimento emocional do individuo?

Encontramos diferentes teorias ou correntes da Psicologia sobre o Desenvolvimento Psicológico do Homem, leia-se sócio-emocional, desde as estáticas/deterministas às mais dinâmicas/interaccionistas, onde o papel da relação/interacção humana é preponderante na codificação interna das experiências e vivências na construção do aparelho mental. Sublinha-se assim, a importância da interacção humana, da relação dialógica entre o “EU” o “OUTRO” e o “MEIO”, como veículo do desenvolvimento psicológico do Humano³.

Antes mesmo de abordar a relação entre as NTIC e o Desenvolvimento Emocional, importa descrever, sumariamente, a literatura que divulga o uso das NTIC em algumas áreas da sociedade, e suas implicações. Ou seja, procurar alterações ou modificações, e de que tipo, no desenvolvimento emocional do indivíduo, tendo em conta que a maior parte das relações e interacções pessoais e sociais são constituídas e mediadas pelas NTIC.

IMPACTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS

A revolução das NTIC transformou o mundo e o Homem. Presentes a toda a hora e em qualquer lugar, elas tornaram-se indispensáveis ao banal funcionamento da sociedade hodierna. Mais do que necessárias, são parte inseparável de um todo, pessoal, social e ambiental. A sua presença, na Sociedade, Família, Educação, Economia, etc., deixa de ser um acontecimento para se tornar num facto e, gradualmente, os seus efeitos passam de episódicos e pontuais a sedimentados e cristalizados num maciço rochoso, que passa a integrar a paisagem, interna e externa, do Humano, da Sociedade e do Meio.

Na Sociedade:

Pensar a sociedade hoje, tal como a conhecemos e definimos, implica ter presente o vasto oceano tecnológico em que ela está mergulhada, do qual depende e sem o qual será possível conceber o quotidiano (Maria J. Ferreira 2005, Oliver Massutti 2001). É difícil imaginar o “congelamento” dos computadores, telefones, etc., por um dia que fosse... A vida parava, a sociedade não saberia como reagir, o que fazer, não disporia de recursos alternativos, o caos instalar-se-ia.

A revolução levada a cabo pelas NTIC, em todos os sectores da sociedade, desde a Banca aos Transportes, à Saúde, tem obrigado a **repensar, reformular, reestruturar**, o *modus operandis e modus faciendis* do tecido social. Empresas e indivíduos tiveram, e têm, de se transformar face às NTIC, no sentido de maximizar os benefícios e lucros, minimizando alguns efeitos adversos, e até perversos (Alliance for Childhood, vários autores, 2004), não sem elevadas resistências e dificuldades. Paul L. e Marcus S. (2003), por exemplo, sublinham o impacto das NTIC na saúde, seus custos e benefícios, bem como as re...acções necessárias a novas interacções, permitindo otimizar o alvejado potencial que o uso dessas NTIC encerra. Os autores avançam números astronómicos, sugerindo que os maiores custos vão para equipamentos tecnológicos de última geração, da imagiologia à biogenética, etc.. Por outro lado dizem que um grande benefício é o apoio ao diagnóstico e tratamento, pese embora várias limitações, nomeadamente na formação e aculturação ao manuseamento dessas NTIC.

Pôr em causa a mais valia das NTIC na sociedade hoje, seria, no mínimo, estupidéz, mas duvidar do bom porto a que este barco nos pode conduzir, afigura-se-nos legítimo. Como sempre, e em tudo, encontramos as duas faces da mesma moeda. Oliver Massutti (2001) fala-nos de *technophile people*, aqueles que abraçam as NTIC vendo as vantagens que daí advêm para as suas vidas e pôr oposição *technophobic people*, que se recusam a adoptar ou conviver com essas NTIC. Adianta ainda que a Nova Sociedade será virtual, viajar, fazer negócios, apresentar uma conferência, conviver e interagir com outros, serão possíveis sem sair da sua cadeira. Apenas e só, se o desejar, é que o contacto real, físico, com outras pessoas poderá ter lugar. Voltaríamos, assim, a uma sociedade, do tipo primitiva, apenas as pessoas escolhidas por nós e mais próximas fisicamente.

Desde logo identificamos o paradoxo: **estando com todos e em todo o lado virtualmente, não se está com ninguém em lado nenhum, realmente.**

Levanta-se então uma questão pertinente: que tipo de sociedade deriva deste tipo de relacionamento? E que implicações para o formação da identidade, para o desenvolvimento emocional do sujeito? Uma sociedade virtual, como que um produto? Por exemplo, a interacção pessoal/social via tecnologia oferece a possibilidade de se criarem

laços e espaços de abertura e conhecimento do EU e do OUTRO, mas também de criar espaços onde as duas realidades se misturam e confundem, espaços onde a fantasia e o *pretending* possam camuflar a realidade. Como experiência, absorve e codifica o sujeitos tais vivências? Como reage o indivíduo a isso?

Na Educação

As mudanças tecnológicas actuais, a sua rapidez e alcance, obrigam-nos a uma mudança de paradigma, ou seja, uma mudança profunda no pensamento, percepção e valores que formam uma determinada visão da realidade (Capra F 1982). Particularmente no que respeita à educação, vários estudos apontam para a necessidade de repensar a cultura académica, bem como analisar a relação entre as NTIC e o Ensino Superior (Maria José Ferreira 2005). A autora contende que a cultura académica tem vindo a passar por certas mudanças, transformações, que são o resultado, em parte, do uso diário de certas tecnologias. Por um lado a cultura académica aceita as novas tecnologias mas, por outro, resiste à sua implementação.

Relativamente à relação das NTIC com a educação, aquela autora indica claramente que a relação entre o ensino superior e as tecnologias não é tão positiva como aparentam os discursos tecnocêntricos mais salientes. Especificamente, mostra como os professores e os alunos levantam dúvidas acerca do uso de certas tecnologias como o e-mail, Web, ou Power-Point, e que isso leva a certas preocupações em termos pedagógicos, ideológicos e estéticos, que põem em questão um grau elevado de benefícios em relação aos usos das NTIC.

Ferreira indica ainda que os resultados do seu estudo mostram que o uso das novas tecnologias não tem trazido só méritos ou benefícios mas tem também levado alunos a modificarem os seus hábitos escolares. Por exemplo, o uso da Web para repositório de material de aula (notas, exames,) tem tido o efeito de os alunos deixarem de ir fisicamente às aulas e de tirar apontamentos durante as mesmas. Em conjunto com o uso de e-mail os alunos não veem necessidade em ir às aulas. O uso das tecnologias modifica as práticas escolares e isto, por seu turno, conduz a cultura académica a resistir de algum modo ao uso das tecnologias.

Se por um lado, a cultura académica aceita certas tecnologias para a transmissão de informação, rejeita outras porque representam um desafio ou um questionamento de certas características da cultura académica tradicional.

Outros autores apontam para o papel dos intelectuais, como alertas, guardiães de valores e alicerces dos novos vectores do saber e do conhecimento (Douglas Kellner 2006). Outros ainda vincam o imperativo duma nova Literacia Tecnológica (Alliance for

Childhood 2004), mais analítica e transparente, autêntica e consistente, no percurso do desenvolvimento, não descurando as variáveis e os mecanismos fundamentais para o desenvolvimento do Humano.

A relação entre NTIC e educação tem sido um terreno fértil para o aparecimento de numerosos estudos, cujo escopo, visa analisar, perceber e conceber modelos de intervenção, de forma a que estes instrumentos tecnológicos actuais possam, e devam, ser mediadores e facilitadores do processo de educação. Autores como, Konrad Morgan e al (2000), Katie Kashmanian (2000), Ann Jonesa (2005), Agualeles Angel (1987), entre outros, defendem que a introdução das NTIC nas escolas, desde os estudos de nível básico ao superior, *só per si*, não terá qualquer valor acrescentado, se não for acompanhada, duma nova “literacia tecnológica”, para todo o corpo escolar, onde se possa fazer uma exploração correcta dessas ferramentas, conhecendo e percebendo o seu alcance, benefícios e malefícios. Tal facto obriga a uma reformulação de atitudes, comportamentos, métodos e técnicas pedagógicas.

Vários estudos (Alliance for Childhood 2004) alertam, duma forma muito peremptória, para os efeitos adversos e perversos, na aprendizagem e nos comportamentos, e consequentemente no desenvolvimento da criança, tendo em conta o ambiente tecnológico actual em que a criança se encontra mergulhada, desde TV, Vídeo, Computadores, Telemóveis, etc. Apenas se encontram algumas evidências positivas em crianças com algum grau de deficiência. Os autores do estudo acrescentam ainda que relativamente aos adolescentes, cujo processo de desenvolvimento psico-social se mostra de grande complexidade, também o proveito, pensado em termos de criatividade, raciocínio crítico, visão e leitura do mundo e seus fenómenos, não se tem manifestado tanto, é diminuto ou nulo.

Magdalena Alberto (2002) e Maria José Ferreira (2005), mostram que a utilização das NTIC por parte dos adolescentes e dos estudantes universitários servem apenas o propósito de diversão, interacção consoante os seus interesses e, pontualmente, alguma informação.

Ferreira, indica que os estudantes caloiros não só são os que menos questionam o uso das tecnologias mas também têm expectativas que o professor ponha *on-line* a informação relacionada com as aulas, porque nasceram nos anos 80 e sempre utilizaram computadores. O problema parece não estar tanto nas NTIC em si mesmas, mas no *timing* em que a interacção tem lugar, bem como a forma “desprotegida e analfabeta” com que se põem em marcha.

Especificamente no que toca à relação das NTIC com o desenvolvimento emocional do indivíduo, a educação, a par da família, é o lugar, por excelência, a “moldura” que formata o desenvolvimento emocional, onde a formação da identidade do indivíduo

decorre, e por isso terá repercussão e consequências quando se altera a forma das relações escolares.

O que justifica as NTIC é o imperativo de estarem ao serviço do desenvolvimento e bem-estar humano e, portanto, a ele ajustadas. Paradoxalmente, assistimos hoje à “escravatura” do Homem pelas mesmas. Devemos estar atentos aos riscos que implica o abrir desta “caixa de pandora”!...

Na Família

Como nas demais áreas, na família o impacto das novas tecnologias também se faz sentir. Importa desde logo reflectir sobre o conceito de família, que à semelhança de tudo o resto, terá também de ser reformulado e redefinido (...) mas, por agora, fiquemos com a categorização de família clássica (do núcleo familiar pai, mãe e filhos), pelo facto de grande parte dos estudos incidirem sobre este nomenclatura.

O ambiente familiar também reflecte, como as demais estruturas sociais, a invasão das NTIC. Note-se como cada lar está “armadilhado” com os últimos modelos de TV, vídeo-jogos, telemóveis, Internet, etc., que passaram a ocupar o vazio deixado pela distância ou ausência dos pais, mesmo quando esta não é física! Cada lar passa a ser estruturado para colocar as tecnologias e as relações dentro do lar são estruturadas por estas. O aumento do uso das NTIC tem resultado em vários níveis de negligência para com os membros da família. O tipo e intensidade da atenção que se presta à família é alterado com o uso das NTIC e este interfere com a relação família-criança. Por exemplo, com as actividades familiares ou com a vida social fora de casa.

O papel da família, como agente de socialização, modelo para identificação, de responsável por “tomar conta de”, *caretaker*, “brincar com” *playmates*, para o desenvolvimento social e emocional, está bem documentado (Cramer 1997, Jennifer L. e al. 2005). Como é este papel afectado ou alterado quando o modo predominante de interacção é o computador ou o telemóvel, ou os dois? Estudos evidenciam que as crianças passam 4 horas por dia no computador, ultrapassando a televisão de 5 horas por dia, tempo este roubado à interacção com a família. O que é mais relevante para este artigo é que isto implica que os agentes socializadores, passam a ser as interacções com o computador, com a TV e isto terá importantes repercussões para o desenvolvimento emocional.

Estes *itens* podem funcionar muito próximo daquilo a que Winnicott chamou de *objectos transicionais*. Os mediadores deixam de ser as pessoas e passam a ser as “coisas”.

A vida pós-moderna deixa pouco espaço de manobra, mesmo para os melhores

intencionados. As famílias da sociedade da informação dão aos filhos, desde tenra idade, um conjunto de itens tecnológicos que passam a ser os mediadores e interlocutores válidos, quase os únicos possíveis, do processo de crescimento/desenvolvimento.

A interacção e estimulação a ter lugar, alguma estimulação desse tipo, no tempo certo e com o devido acompanhamento, seria muito benéfica, poderia servir, assim pensam alguns autores, para o enriquecimento e potencialização dos processos cognitivos de desenvolvimento, permitindo até que as crianças se desenvolvam mais depressa e com Q.I.s mais elevados. Tais argumentos foram desacreditados (Alliance for Childhood 2004, entre outros autores), não só porque o processo de desenvolvimento e maturação do cérebro tem o seu *timing* próprio, estudos neurológicos assim o comprovam (Damásio e outros neurologistas), mas também pela importância capital da componente emocional, possibilitada pelo vínculo na relação/interacção com o cuidador.

Certos estudos vêm a relação entre a tecnologia e a família como que legitimada pelo *modus operandis* da sociedade, evidenciando pouca disponibilidade, física e psicológica, para “caminhar com” os seus filhos, por exemplo, por questões financeiras onde os dois pais trabalham (Abigail Sellen e al 2004), e substituindo a interacção de carinho, amor, partilha, regras e limites, ou seja, “o estar com” pelo “tens aí o”, TV, vídeo, Internet, etc.

Estudos indicam que expor crianças dos 6 aos 7 anos de idade às NTIC não lhes trazem mais valia, antes pelo contrário, são-lhes prejudiciais física e psicologicamente (Alliance for Childhood 2004). Não possibilitar ou dar oportunidade à criança de se relacionar, interagir com a família e o com o meio natural envolvente, é minar todo o processo de desenvolvimento e comprometer o seu futuro.

Os adolescentes, transportando o fardo da transformação e procura da identidade, entregues a si próprios, nos seus interesses e curiosidades, amarrados aos telemóveis e navegando na Net, sem quaisquer balizas ou *rails* de protecção de natureza relacional/emocional, que forneça segurança e auto-estima. Neste contexto, põe-se a hipótese: Serão eles presas fáceis da ansiedade, medos, agressividade e desvios, levando a desequilíbrios e desorganização mental, podendo instalar-se a patologia? Ou seja, quanto mais os adolescentes usam certas tecnologias menos estão a aprender a ter relações sociais, o que significa que o desenvolvimento emocional, baseado e escudado nas interacções pessoais/sociais cede lugar a um desenvolvimento ancorado nas relações/interacções com as tecnologias.

As NTIC não são um mal, ou um bem, em si mesmas, o uso e a forma de utilização menos acauteladas, por parte da família, em primeiro lugar, como garante da estabilidade emocional e desenvolvimento harmonioso dos seus filhos, e por estes, sem referências e limites, poderão torná-las armas de auto destruição, sem que disso se dêem conta.

Assistimos hoje, ao contrário do que seria desejável, a uma dependência excessiva da tecnologia como mediador da relação *pais vs filhos*. A comunicação entre estes via tecnologia pode levar a uma deficiente substituição dum face-a-face que se reputa de capital importância como elemento estruturador da mente e da construção da identidade.

Importa reflectir sobre a quantidade de horas dispendidas, na interacção com as NTIC, das crianças com os videojogos passando pelos adolescentes teclando nos *chats*, aos pais, subtraídas ao tempo real de interacção com a família e/ou com os pares, com a natureza, tempo este tão precioso e necessário ao saudável desenvolvimento psicológico e equilíbrio sócio-emocional do indivíduo.

Como acabamos de analisar as NTIC têm tido um impacto alargado nas várias áreas da sociedade e na vida do indivíduo. Este impacto leva-nos a questionar que alterações poderão existir, se é que existem, ao nível emocional, eventualmente provocadas pelo uso das tecnologias?

O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL: PROCESSO PSICOGENÉTICO⁴ RELACIONAL

A Psicologia, como qualquer outro ramo da ciência, influenciada pelo pensamento cartesiano-newtoniano, desenvolveu uma visão dualista, reducionista e mecanicista dos fenómenos psicológicos (Capra F. 1982). No séc. XX duas grandes escolas – Behaviorismo e Psicanálise, lançaram novos *insights* sobre o comportamento humano e serviram de alicerce a novos edifícios teóricos. Os primeiros, entendiam o desenvolvimento psicológico, sinónimo de desenvolvimento cognitivo, como um conjunto de comportamentos que mais não eram do que respostas a estímulos, onde o afecto/emoção, leia-se interacção relacional, não tinha lugar nem era objecto de interesse científico. Segundo Rita Leal (1985) *”o sentir como uma relação de que decorre um significado é difícil de colocar na grelha dum comportamentalista... Estes olham os processos da vida emocional como dimensão independente da vida mental...”*.

A Psicanálise, ao pôr o assento tónico nas pulsões – instintos (forças que movem desde dentro e pulsionam o fazer, sentir e pensar), acabou por centrar-se demasiado no aparelho intra psíquico, descurando a importância, o papel do OUTRO, da relação, embora sugira que há uma modelação inconsciente da comunicação entre humanos em intercâmbio emocional. Diferentes correntes psicodinâmicas vão investir nessa importância e desenvolver teorias que a suportem.

A Psicologia actual, ainda que composta por diferentes teorias e dotada das mais diversas técnicas de intervenção psicoterapêutica, entre elas a perspectiva Socio-histórica e relacional dialógica, comunga duma mesma convicção, ou seja, o papel fulcral da

relação-interacção, o papel do OUTRO e do MEIO, no processo do desenvolvimento emocional, do desenvolvimento da identidade, do EU.

Abordagem Socio-histórica

Os grandes mestres desta escola russa, Vigotskii, Aléxis Leont’ev e Luria, sustentaram a sua teoria em três pilares fundamentais, “EU” – “OUTRO” – “OBJEKT”. O EU (sujeito em desenvolvimento) em constante relação/interacção social com o OUTRO age sobre as INSTRUMENTALIDADES (coisas, linguagem-significados, eventos, pessoas, etc.) disponibilizadas e acumuladas pela história.

Inicialmente a resposta da criança ao ambiente é dominada pelos processos naturais, principalmente os biológicos. Seguidamente, pela constante mediação do adulto, começam a tomar forma, processos psicológicos complexos. De início, este processo ocorre pela interacção da criança com o adulto, é inter-psíquico, ou seja, é partilhado entre duas pessoas (dois pólos dum contínuo). Aqui o adulto é um agente mediador externo do contacto da criança com o meio, é esse adulto que lhe mostra o “mundo”, pois a criança não é capaz de o “inventar”. À medida que o desenvolvimento tem lugar, o processo que anteriormente era partilhado pelos adultos, vai-se internalizando e sendo trabalhado no interior da criança. Isto significa que as respostas ao ambiente, mediadas, foram transformadas em processos intrapsíquicos.

Para que a realidade do mundo exterior – o mundo dos objectos (coisas, eventos e pessoas), se torne realidade interior do Humano, é necessário que este interaja efectivamente com esses objectos, uma interacção efectiva e afectiva com os instrumentos criados pelo homem: linguagem, conceitos e ideias, produtos da sua história.

Através das relações/interacções com os outros dá-se a internalização, ou seja, a matriz das interacções interpsicológicas (relacionais/sociais) é transferida para o aparelho intrapsíquico (pessoal), como significações (significados).

O facto duma função interpsicológica ser transferida, transformada e codificada, num processo intrapsicológico de organização da actividade mental humana, é o que permite a capacidade do humano de controlar as respostas impulsivas à estimulação externa. Assim, como escreveu Vigotskii e Lúria, o seu comportamento é determinado por uma “rede semântica interna” a qual reflecte o meio ambiente, reformula os motivos desse comportamento e dá à actividade humana o seu carácter consciente.

Nesta perspectiva a linguagem é o elemento mais importante na sistematização da percepção. Tendo em conta que as PALAVRAS são, elas próprias, um produto do desenvolvimento socio-histórico, elas codificam a nossa experiência, tornam-se instru-

mentos para a formação de abstrações e generalizações e possibilitam a transição dos reflexos sensoriais não mediados para o pensamento mediado.

A consciência é produto do desenvolvimento socio-histórico. O comportamento começa por ser o reflexo da realidade externa, social e ambiental. Através da influência mediadora da linguagem, a consciência atinge a sua maior complexidade. Este resultado deve-se à reorganização da actividade cognitiva, a qual tem lugar por influência e impacto do **factor relacional-social**. Na ausência, ou carência, deste factor, dificilmente as NTIC o poderão substituir e muito menos obter o mesmo resultado.

Abordagem Relacional – dialógica

Maria Rita Mendes Leal ao criar a sua teoria relacional dialógica vai beber às ideias de S. Freud, Frieda Reichmann, G. Sullivan, Melanie Klein Winnicott, G. Foulkes, W. Bion, Eduardo Cortesão, Roberto Azevedo, Herbert Rosenfed, entre outros. Partindo duma base comum nestes teóricos dinâmicos, a importância das pulsões básicas e a forma como lidamos com elas, determinada na infância em função das respostas dos outros às necessidades básicas e desejos, define a forma como é estruturado o desenvolvimento sócio-emocional, processo dinâmico-dialógico, centrado nas emoções e seus significados, “*a emoção como fenómeno mental, gerador e organizador de todos os outros eventos mentais, incluindo o pensar, a linguagem, a actividade simbólica... Os estados afectivos são necessariamente apreendidos por nós e estão sempre presentes...*” (Rita Leal 1985.)”.

Após o nascimento a criança tenta encontrar um interlocutor válido para satisfação das suas necessidades e desejos, a comunicação como a primeira forma de actividade partilhada, para iniciar a construção duma identidade pessoal. Segunda Rita Leal 1994, a construção da mente emerge no padrão inato humano da procura do OUTRO enquanto interlocutor em que se foca a matriz dialógica “matriz relacional interna”, baseada no conceito de *Padrão Fixo de Acção* de J.S. Watson (1961), denominado por ele de “análise de contingência à própria iniciativa”.

Esta abordagem, para a compreensão da estruturação do “EU”, construção da identidade numa perspectiva psico-sócio-cognitiva, efectua a ligação entre as fases do desenvolvimento e as estruturas de personalidade relativamente à percepção de si e dos outros, ao tipo de relacionamento, à forma de processamento e mediação do real e às defesas subjacentes.

Ao longo do desenvolvimento, da construção do aparelho mental, são várias as relações interpessoais estabelecidas, funcionando estas como cuidadores, interlocutores válidos para essa construção, em que a análise de contingência à própria iniciativa é

posta em prática. Primeiro pelos pais, depois pelos pares e posteriormente pelo companheiro/a amoroso/a, e admitindo um quarto cuidador – o psicoterapeuta.

Assim, em cada passo do desenvolvimento a relação/interacção, pela sua natureza afectivo-emocional, é o cimento agregador da construção do edifício mental, sem a qual é impossível o desenvolvimento emocional.

Como refere Rita Leal (1997) *“Cada humano pode tornar-se mais feliz, inteligente e produtivo, se o seu ambiente relacional e social lhe proporcionar uma relação recíproca e alternante e a oportunidade de apreender a cultura”*.

As NTIC podem alterar, ou distorcer, este processo na medida em que não podem substituir um OUTRO, disponível e contingente.

Através destas abordagens podemos conceptualizar o DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL, como sendo um processo de construção da identidade psico-sócio-cognitiva, onde a natureza das relações/interacções EU-OUTRO-MEIO cria mapas de complexas redes neuronais formando a MENTE HUMANA.

Este conceito é compatível e vai de encontro a uma perspectiva holística, sistémica, onde as diferentes variáveis, inerentes ao processo de desenvolvimento bio-psico-social, actuam, interagem e são mutuamente interdependentes.

Assim, podemos entender o Desenvolvimento Emocional como o desenvolvimento do Homem, na sua dimensão bio-psico-social, porquanto sem o papel regulador e tonificador da emoção/afecto, resultante da relação/interacção do EU-OUTRO-MEIO, que permite a experimentação e vivência, e subsequentemente a sua codificação intrapsíquica como matriz da vida emocional, leia-se construção do aparelho mental, perder-se-ia de vista o objectivo primordial do Ser Humano – O SER-SE PESSOA.

Para os Interaccionistas Sociais as crianças aprendem acerca de si mesmas e dos outros através das constantes interacções/relações que vivenciam (Gabriela Markova e Maria Legerstee 2006).

A partir destas diferentes abordagens resulta clara a importância do papel desempenhado pelas relações/interacções EU-OUTRO-MEIO no desenvolvimento sócio-emocional. Também, no que respeita ao peso e ao impacto das NTIC na sociedade de hoje, traçámos uma fotografia bastante abrangente, quiçá descodificadora. Afigura-se-nos então necessário e pertinente, fazer a ponte entre estas duas questões. Ou seja, averiguar em que medida as NTIC, a sua constante e inevitável interacção, interferem e/ou alteram, ou não, o processo de estruturação mental, o processo do desenvolvimento emocional...

CONCLUSÃO

É inquestionável a importância vital da relação/interacção humana e ambiental no desenvolvimento, desde o primeiro momento até à maturidade. As experiências e vivências, que têm lugar nas interacções mútuas com a realidade externa, homem-sociedade-meio ambiente natural, plano interpsicológico, são codificadas, com a tonalidade emocional daí resultante, transformadas e transferidas para o plano intrapsicológico, construindo assim o aparelho mental do Humano.

O determinismo tecnológico não é uma fatalidade. As NTIC são um meio e não um fim em si mesmas. Devem fazer parte da solução e não criarem novos problemas. São instrumentos necessários, quando ao serviço do desenvolvimento e bem-estar humano e social.

Para tal, é necessária uma nova forma de pensar as tecnologias, é recomendada uma nova “literacia tecnológica”, permitindo perceber o seu alcance e limite, a sua maior valia e riscos, a sua sustentabilidade.

É chegado o tempo de percebermos o papel e a diferença entre o virtual e o real, entre a fantasia e realidade. Não é necessário eliminar a realidade virtual em que vivemos. Devemos, sim, dar mais atenção aos benefícios que a realidade natural tem para nos oferecer e sem os quais não poderemos sobreviver, física e psicologicamente.

Assim, consideramos imperativo iniciar o movimento de aproximação a esta e, conseqüentemente, de distanciamento àquela. O triângulo EU-OUTRO-MEIO, da construção da identidade, poderá ser compatível com a Tecnologia, mas esta não pode sobrepor-se a ele.

Face ao que aqui foi dito, surge-nos uma questão maior: Em que medida as NTIC são facilitadoras ou inibidoras da interacção pessoal/social e, com isso, saber se favorecem, ou não, o desenvolvimento emocional.

BIBLIOGRAFIA

- Aguareles A.M. A (1987). *Educacion y Nuevas Tecnologias*. Barcelona .
- Albero, M. (2002). *Adolescentes e Internet. Mitos y realidades de la sociedade de la información*. Barcelona:
- <http://www.campus-oei.org/valores/monografias/monografia05/reflexion05.htm> (06-02-2006).
- Alliance for Childhood (2004). *Tech Tonic: Towards a New Literacy of Technology*.
- Barglow, R. (1994). *The Crisis of the Self in the Age of Information*. New York:

Routledge

- Brockman, J. (1995). *The Third Culture: Beyond the Scientific Revolution*. New York: Simon & Schuster
- Capra, F. (1982). *O Ponto de Mutação: A ciência, a Sociedade e a Cultura emergente*. São Paulo: Editora Cultrix
- Damasio, A. (1994). *Descartes' Error: Emotion, Reason, and the Human Brain*. New York: Grosset and Putnam.
- Damasio, A. (2003). *Ao Encontro de Espinosa: As emoções Sociais e a Neurologia do Sentir*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Ferreira, M.J. (1998). *Patterns of Net Use: Lifestyle Enclaves*. *The McGill Journal of Social Sciences*, Vol. II, 53-69.
- Ferreira, M.J. (2005). *Redefining Academic Culture in the Information Age*. Dissertation manuscript, McGill University.
- Heath, C. Luff P and Svensson M. S. (2003). *Technology and medical practice*. *Sociology of Health & Illness*, vol. 25, 75-96.
- Jennifer L. Hill, Jane W. e al. (2005). *Maternal Employment and Child Development: A Fresh Look Using Newer Methods*. *APA- Developmental Psychology*, Vol. 41, 6, 833-850.
- Jonesa, A. E al. (2005). *Learning technologies: Affective and social issues in computer-supported collaborative learning*. Institute of Educational Technology, The Open University, Walton Hall, Milton Keynes, London, UK.
- Kellner, D. *Intellectuals and New Technologies*.
<http://www.jya.com/kellner.htm> (06-03-06).
- Kashmanian, K. (2000). *The Impact of Computers on Schools*. The Technology Source Archives at the University of North Carolina.
<http://www.lachildhood.org/articlecomponschools.html> (03-02-06).
- Leal, M. R. M & Garcia R. M. B. (1997). *O Processo de Hominização. Bios Transforma-se em Psyche*. Lisboa: Associação de Pedagogia Infantil, Escola Superior de Educadores da Infância Maria Ulrich.
- Leal, M. R. M. (1985). *Introdução ao Estudo dos Processos de Socialização Precoce da Criança*. Lisboa: Edição da Autora, Impresso em Proença, CRL.
- Leontiev, A. (1972). *O Desenvolvimento do Psiquismo*. Lisboa: Horizonte Universitário
- Markova, G. e Legerstee, M (2006). *Contingency, Imitation, and Affect Sharing: Foundations of Infant's Social Awareness*. *APA- Developmental Psychology*, Vol. 42, 1, 132-141.
- Masutti, O. (2001). *Impact of IT on society in the new century*. Zurich.
- Morgan, K. Morgan, M., Hall, J. (2000). *Psychological developments in high technology teaching and learning environments*. *British Journal of Ed. Technology*, vol.31, 1, 71-79.
- Rio, M.J. (2001). *Afectologia Genética: Uma Proposta Desenvolvimental e Relacional para a Compreensão da Psicopatologia*. *Jornal de Psicologia Clínica, IPAF*, vol.I, 1, 23-31.

- Vigotski, L. S. (1998). *A Formação Social da Mente*. S. Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1998). *As Fases do Desenvolvimento*. S. Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2001). *A construção do Pensamento e da Linguagem*. S. Paulo: Martins Fontes.

NOTAS

¹O Observatório da Sociedade da Informação e do Conhecimento (OSIC) define “Tecnologias da Informação e da Comunicação” como “Ramo da ciência da computação e da sua utilização prática que tenta classificar, conservar e disseminar a informação. É uma aplicação de sistemas de informação e de conhecimentos em especial aplicados nos negócios e na aprendizagem. São os aparelhos de hardware e de software que formam a estrutura electrónica de apoio à lógica da informação”.

²De acordo com Inquérito à Utilização das TIC pela População Portuguesa promovido pela UMIC (Unidade de Missão Inovação e Conhecimento) e o Observatório da Inovação e Conhecimento, em 2004, 54% da população portuguesa utiliza o computador, o que significa um crescimento médio anual de 11% desde 2000. A grande maioria dos utilizadores (92%) têm entre os 15 e os 19 anos e são estudantes (98%) a frequentar o curso médio e superior (96%). Da população utilizadora, 86% utiliza o computador uma, ou mais que uma vez por semana, especialmente a partir de casa (71%) e também do local de trabalho (47%).

Cerca de metade da população (49%) possui computador no agregado, verificando-se uma taxa de crescimento anual (TCA) de cerca de 7% face a 2003. A grande maioria tem um desktop (92%), no entanto a posse de computador portátil já atinge os 21%, o que se traduz numa TCA de 40%, comparativamente com 2003.

35% dos indivíduos que possuem computador no agregado familiar considera que a razão principal para adquirir um computador está ligada à educação escolar dos filhos. No entanto, 42% das pessoas que não possuem computador no agregado considera que este equipamento não tem qualquer utilidade no seu lar e que é demasiado caro (31%).

A percentagem de utilizadores da Internet registou uma taxa de crescimento de 10% face a 2003. Em 2004, 43% da população utiliza a Internet, dos quais 83% acedem frequentemente. Mais uma vez, são os jovens entre os 15 e os 19 anos que estão em maioria (82%) e acedem à Internet especialmente a partir de casa (61%). As actividades mais realizadas através da Internet são enviar/receber e-mails (75%), jogar/fazer download de jogos, música ou vídeos (49%), actividades profissionais (48%) ou de estudo/formação (47%), procura de informação sobre bens e serviços (41%), leitura de jornais e revistas on-line (39%) e procura de informação nos sites da administração pública (37%).

Em 2004, 31% da população possui ligação à Internet no agregado familiar, o que corresponde a uma taxa de crescimento de 11% face a 2003. Relativamente ao tipo de ligação, 19% já acedem à Internet por banda larga, o que representa um crescimento de cerca de 90% em comparação com o ano anterior.

³No sentido de homem emocional/relacional.

⁴No sentido de desenvolvimento.

